



## **Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro:** compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social

**Ana Clara Torres Ribeiro** (*Coordenadora do LASTRO-IPPUR-UFRJ in memoriam*)

**Cátia Antonia da Silva** (*Docente Adjunto do UTMC/PPGHS, DGEO/FFP/UERJ & membro do LASTRO – IPPUR-UFRJ*)

**Luis Perucci** (*Doutorando IPPUR-UFRJ e membro do LASTRO – IPPUR-UFRJ*)

**Ivy Schipper** (*Mestre pelo IPPUR/UFRJ e membro do LASTRO – IPPUR-UFRJ*)

**Vinicius Carvalho** (*Mestrando do IPPUR-UFRJ e membro do LASTRO – IPPUR-UFRJ*)

22

### **INTRODUÇÃO**

Muito recentemente no Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território (LASTRO) (criado em 1996 no âmbito do IPPUR-UFRJ), existem, em linha gerais, três caminhos de investigações desenvolvidas por Ana Clara Torres Ribeiro, nossa querida mestra, socióloga, companheira e, sobretudo, grande intelectual que com sua simplicidade, profundidade de análise e busca pela compreensão de mundo criou conceitos, metodologias e abriu abordagens no diálogo da Sociologia com outros campos de conhecimento, tais como a Geografia, Educação,

Urbanismo e Planejamento urbano e regional, dentre outros. Falecida em 09 de dezembro de 2011, deixou um legado: uma herança muito abrangente de conceitos, abordagens e metodologias, que nos cabe com calma, sinceridade e rigor compreender e divulgar. Este artigo tem como finalidade apresentar, de forma geral, a grande linha de investigação elaborada por Ana Clara que constitui uma das heranças culturais, acadêmico-conceituais e metodológicas que abre novos caminhos para a *episteme* do fazer Ciência. Para nós, dar continuidade as propostas escritas, dialogadas e orientadas por Ana Clara é sem dúvida estar em debate com seu pensamento. Um pensamento vivo, dinâmico, que compreende – com profundidade – o presente e o futuro. Que explica as formas de dominação, mas não somente estas formas, explica e, principalmente, busca compreender outras formas e as possibilidades de construir um mundo novo. Ana Clara Torres Ribeiro nos ensina, por meio, agora, de seus escritos, seus textos, seus projetos, suas falas imagéticas em movimento sobre a necessidade de manter, no fazer ciência, a simplicidade com profundidade. Ensina criar cientificamente, como se cria na arte, na música – no qual ela tinha também forte entendimento e experiência. Aprender a tocar e ouvir dos outros seus sentidos, tendo como aporte a “totalidade daquilo que o outro é, daquilo que cada um de nós somos - totalidade”. Trata-se de fazer a ciência do presente – a Sociologia do presente, a geografia da existência, a arquitetura humanista e o planejamento sensível. A seguir apresentaremos de forma suscita alguns caminhos metodológicos e conceituais no campo da cartografia da ação social produzidos por Ana Clara. Vale ressaltar ainda que partes, muitas partes, deste artigo foram construídas em diálogo com os textos de projetos e relatórios de Ana Clara, por isso a sua autoria em memória junto a nós.

## I. CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL E O BANCO DADOS DE AÇÕES E PROCESSOS SOCIAIS

Segundo Ribeiro e outros (2004), a cartografia da ação social é aquela possível de compreensão e de representação do movimento da sociedade, das lutas (protestos, reivindicações e manifestações) e de novos desejos, das ações e desejos das bases populares, é a cartografia da ação social – ação portadora de sentidos, de visão de mundo e de estratégias de artes de fazer – que representa também o cotidiano da vida coletiva.

*A cartografia aqui sugerida é a da denúncia e também aquela que orienta a ação social, desvendando contextos e antecipando atos. Significa, portanto, tanto a contextualização veloz da ação hegemônica, cada vez mais estrategicamente localista, quanto a valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida escorre ou ganha força reflexiva e transformadora. Como carta, o mapa não aparece como instrumento isolado ou como bela ilustração de textos, exacerbando critérios estéticos, mas sim como ferramenta analítica e como sustento da memória dos outros. Neste sentido, propõe-se uma cartografia incompleta que se faz, fazendo. Uma cartografia praticada, que não seja apenas dos usos do espaço, mas também utilizável, de forma que ocorra a sincronia espaço-temporal, o que apoiaria, inclusive, o trabalho interdisciplinar. Esta seria uma forma de representação da ação que poderia alimentar narrativas e que, em vez do território naturalizado, trataria, como orienta Milton Santos (1996, p. 18), de território usado. O território não é uma categoria de análise, a categoria de análise é o território usado. Ou seja, para que o território se torne uma categoria de análise dentro das ciências sociais e com vistas à produção de projetos, isto é, com vistas à política [...] deve-se tomá-lo como território usado. (RIBEIRO et al., 2001-2002, p. 4)*

Desta forma, a cartografia da ação social é aquela não oficial, que trata das trajetórias das bases populares, das rotas de lutas e manifestações, das trajetórias de trabalho no cotidiano, das manifestações culturais, das normas sociais ocultas não estatais. Com essa orientação, é possível o desvendar de um novo mundo, desvelar o invisível, ver beleza no anonimato, ver potencial no não considerado, naquilo e naquele visto como pobre de tudo. A proposta articula-se ao pensamento de Milton Santos (1996) sobre os homens lentos com o de Paulo Freire (1979) sobre a dimensão do compromisso humano, compromisso de reflexão e de consciência frente às contradições e as ambições que criam as fragmentações e as segregações socioespaciais. Assim, a cartografia da ação social pode ser considerada, neste contexto de compreensão de um humanismo concreto, como uma categoria analítica e ao mesmo tempo uma categoria metodológica porque permite experimentar por meio de exercícios de construção de novos mapeamentos e símbolos construídos a partir de um contexto do espaço vivido e concebido às novas formas de representação, aos novos projetos e aos novos sentidos das ações dos sujeitos vistos como comuns, como banais. É preciso que estejamos abertos para ver novas possibilidades de redesenho do mundo, de escrita de nossa própria história, história das bases populares. (SANTOS, 1996)

Os princípios da Cartografia da ação social, propostos por Ana Clara, são a referência da organização do de bancos de dados do LASTRO, organizado já a mais de dez anos, sobre na pesquisa urbana crítica e aplicada que tem como finalidade atender a atualização de preocupações no campo dos movimentos sociais e seus desdobramentos conceituais sobre os movimentos da sociedade – quer seja os instituídos, quer seja os espontâneos. Pode-se afirmar que sua

conceituação sobre os movimentos sociais durante os anos 1970, debatida principalmente a partir de Manuel Castells, constitui-se a partir da análise da realidade urbana de países centrais pela escola marxista europeia (RIBEIRO, 1982, p. 147) e, em seu encontro com a realidade brasileira, os pensadores críticos da sociedade urbana no Brasil trabalham sobre os ajustes teóricos necessários à captura da forma organizativa popular manifesta inicialmente durante, os anos 1970, no Rio de Janeiro referida a dificuldades no transporte coletivo, à moradia, ao acesso a saúde dentre outras reivindicações. Na análise dos anos 1990, sobre o entendimento da microconjuntura social, Ana Clara Torres Ribeiro passa a considerar importante as manifestações espontâneas. O Banco de Ações e Processo Sociais tem, neste sentido, a sensibilidade para reunir tanto movimentos operários e por direitos urbanos, mas também de caráter menos organizado, mais espontâneo, mais popular. Já nos anos 1990, quando se inicia a utilização do banco de dados na pesquisa das ações populares, as manifestações culturais e os fenômenos de multidão começam a despontar (RIBEIRO, 1995, p. 14) para o tato das sociologias atentas ao movimento de mudança na sociedade.

O trabalho com banco de dados reunidos a partir de notícias de jornais de grande circulação estabelece um ponto de partida de leitura da realidade da vida coletiva e também demarca a correlação entre as disputas em que se envolvem os grupos na metrópole pela transformação da realidade concreta e o posicionamento dos grandes meios oficiais privados de difusão de notícias à respeito, muitas vezes deflagradamente discriminatório.

Estes jornais de grande circulação têm a capacidade de reunir cotidianamente, em suas diferentes seções e entre os vários campos de atividade social (política, economia, trabalho,

comércio, tecnologia, ciência, esportes, entretenimentos, cultura etc.), uma série de notícias referidas a fatos e processos; espaços, localizações e lugares; e ainda personas, lideranças, opositores, mediadores, e etc. evidenciando a vitalidade histórica da vida social entre adesões, disputas, seletividades, alianças, promoções, conquistas, de espaço e recursos urbanos pelos grupos sociais .

Na análise desses jornais, é possível perceber um panorama de acontecimentos locais, regionais, internacionais, etc. organizados por seus jornalistas e colunistas, segundo interesses editoriais que parecem traçar uma dimensão de banalidade do espaço, já que este aparece sob os mais variados enfoques e campos de atividade coberta pelo noticiário.

Enfim, são bancos de dados que orientam a análise de conjuntura, primeiro patamar de valorização das categorias sociais no estudo do território. Apontam para as pressões criativas com que as ações desafiam o cotidiano, e para estudos sobre: representações coletivas; formas de apropriação do espaço. Sugere também o aprendizado entre movimentos sociais; as leituras do território e das oportunidades.

Cabe apontar que em relação às ações sociais, o território usado (SANTOS, 1999) constitui uma particular manifestação do agir, inscrita no cotidiano e no lugar. Exige a inclusão de todos os atores, e sua conceitualização está dirigida à reflexão do espaço banal. (SANTOS, 1996) O espaço banal é uma dimensão concreta e via de acesso à totalidade social, lida inicialmente na Geografia como resíduo em relação ao espaço econômico. O território usado reaproxima a problemática do espaço ao estudo da ação que mobiliza recursos, pouco conhecidos e visíveis, preservados no tecido social. Assim, constitui-se como desdobramento necessário da pesquisa sobre

conflitos, protestos e reivindicações em contextos metropolitanos.

O Banco de Ações e Processos Sociais (BAPS), portanto, é uma organização teórica e metodológica que uma vez alimentada orienta na compreensão do movimento da sociedade. Surgido a partir do projeto sobre oportunidades de sobrevivência (trabalho, saúde e conflitos) na metrópole, o Banco de Ações e Processos Sociais é uma metodologia de definição de características conjunturais que põe em destaque a pressão social sobre as dificuldades e os impasses no espaço urbano de algumas das principais metrópoles do país – Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belém. O BAPS reúne notícias sobre manifestações de protesto e reivindicações ligadas à tentativa de melhoria das condições cotidianas de vida nos bairros, na cidade e no trabalho, caracterizada ainda pela apropriação ( mesmo que temporária) de espaços públicos para a ação social etc.

Permite ver também a formação de atores e protagonistas; o surgimento de novos mediadores e assessores; a configuração de arenas e alianças políticas; as ações organizadas e espontâneas. Este vasto campo de dados dispostos em categorias à respeito de grupos, tempos, espaços, lideranças, ações disputas, confrontos mediações, assessorias, etc. permite a construção de conjuntos analíticos diversos, mapas, e também nossos experimentos com cartografia. Permite a apropriação de seu conteúdo por diferentes disciplinas sociais. O BAPS, ao armazenar informações dos jornais de maior circulação em algumas metrópoles brasileiras, tem sensibilidade voltada para a visibilidade alcançada pelos conflitos, associada à difusão do meio técnico-científico informacional.

Por um lado, ao lidar com ações no espaço banal, aponta para a valorização analítica da ação das classes populares. Isto é: valorizar o tempo-

espaço da ação das classes populares no diálogo interclassista, para que o conhecimento a respeito das necessidades do Outro possa contribuir inclusive para reverter o contínuo aumento da violência no cotidiano urbano.

As alterações recentes na escala espaço-temporal da ação social percebida pela análise dos movimentos sociais – das formas de organização social que correspondem a nítidas mudanças em orientações políticas – precisa ser articulada à dinâmica de práticas sociais marcadas pela fugacidade, pela transitoriedade e submetidas a múltiplos mecanismos de manipulação, controle e repressão. Assim, o BAPS favorece a pesquisa de interseções entre o fugaz e o permanente, a ação espontânea e a ação organizada, a aceitação da incerteza e a centralidade do vivido, tudo isto voltado para o desenvolvimento da análise transdisciplinar das relações sociedade-espaço. A reflexão sistemática da ação social, desenvolvida através da informação da imprensa conjugada à técnicas qualitativas de pesquisa permite o reconhecimento de novos processos de organização que transformam sentidos e, logo, a direção de lutas pela apropriação do espaço urbano.

Atualmente, através da metodologia da cartografia da ação, estes estudos da apropriação do espaço urbano têm como um de seus principais objetivos: formar jovens pesquisadores.

## **II. CARTOGRAFIA DA AÇÃO, VÍNCULOS SOCIAIS E JUVENTUDE – um diálogo com a Geografia e a Educação**

O projeto “Cartografia da ação Social e Juventude em São Gonçalo” (RJ) advém das orientações propostas pela metodologia da cartografia da ação social do LASTRO, com apoio do CNPq (2008-2009) e da FAPERJ (edital Humanidades – 2009-2011), ambos coordenado pela professora Ana Clara Torres Ribeiro e sob a

vice-coordenação da professora Cátia Antonia da Silva (UERJ). Trata de uma atividade do LASTRO em parceria acadêmica com o Laboratório de estudos metropolitanos do Grupo de Pesquisa: Urbano, Território e Mudanças Contemporâneas do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em História Social – Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em São Gonçalo – segunda sede de desenvolvimento da pesquisa. Participaram bolsistas dos dois laboratórios. Este projeto propõe a realização de estudos da apropriação do espaço urbano a partir de duas frentes de trabalho: atividade na sala de aula, em turmas do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e, por meio de grupo focais com por jovens que residem, estudam e/ou trabalham no município de São Gonçalo (RJ). Na concepção desses estudos, orientados pelo diálogo entre sociologia, geografia e educação, recorre-se a diferentes métodos e técnicas de pesquisa, entre os quais se destacam as metodologias da cartografia da ação e da pesquisa-ação e, ainda, a técnica dos grupos focais. Em articulação com estas opções de método, foram utilizados: geoprocessamento de estatísticas referidas a condições de vida, estrutura urbana e transporte público; mapas mentais; entrevistas abertas e questionários. As atividades nas escolas ocorreram inicialmente no Colégio Estadual Dr. Luis Palmier, em turma de sexto ano (2009) e entre 2010 e 2011 as atividades ocorreram na Escola Estadual Carlos Maia, situada no bairro Porto Velho, próximo a localidades de pescadores artesanais. A mudança de colégio deu-se pela proposta de trabalhar com o primeiro ciclo do ensino fundamental – 4º e 5º anos, próximo a localidades de pescadores e a necessidade de articular este projeto ao Projeto desenvolvido por Cátia Antonia da Silva junto ao edital Escola Pública – da FAPERJ, 2010-2011. Na

frente de trabalho referente à formação de grupos focais com estudantes universitários e com jovens que trabalham na coleta de lixo, no comércio ambulante e na pesca. O projeto teve como principais objetivos: formar jovens pesquisadores; consolidar linhas de pesquisa em geografia da existência; contribuir na formulação de políticas públicas que ampliem a apropriação do espaço urbano por jovens de municípios periféricos; alargar o conhecimento sobre representações sociais do espaço urbano; valorizar os sujeitos sociais no estudo do território e estabelecer uma plataforma, a ser amplamente difundida, de reivindicações urbanas da juventude. A realização da pesquisa, cuja orientação metodológica valorizou o protagonismo dos jovens envolvidos no projeto, atualmente vem sendo organizado por meio de relatórios e da construção de uma agenda propositiva a partir da leitura dos jovens.

O projeto “Cartografia da Ação Social e a Juventude em São Gonçalo” encontra-se dedicado à juventude de São Gonçalo (RJ), destacando as suas condições de vida e anseios relacionados à apropriação do espaço urbano. Num contexto marcado pela violência que atinge, sobretudo, os jovens entre 14 e 24 anos e pela carência de oportunidades de trabalho e de formação intelectual, propõe-se a realização de uma pesquisa que valoriza o protagonismo da juventude no desvendamento de intervenções urbanas que reduzam as desigualdades sociais, a fragmentação territorial e as diversas formas de espoliação (KOWARICK, 1975) que se repetem no cotidiano de municípios periféricos da região metropolitana do Rio de Janeiro.

O município de São Gonçalo com uma área de 251 km<sup>2</sup> e uma população estimada de 999.901 habitantes. (IBGE, 2010) Trata-se, portanto, de um município submetido a fortes pressões sociais, que se sobrepõem a carências urbanas

acumuladas em sua trajetória histórica recente. Neste município, que apresenta o quarto produto interno bruto e abriga o terceiro colégio eleitoral do estado, a juventude das classes populares tem os seus anseios de realização individual tolhidos pela pobreza e pelo isolamento em comunidades que mais enclausuram do que ensinam e libertam. (CARRANO, 2002; BAUMAN, 2003)

A pesquisa visa justamente conhecer e estimular a reflexão do espaço vivido dessa juventude e, ao mesmo tempo, formar os jovens envolvidos no projeto no domínio de informações e técnicas de expressão de sua experiência urbana. Compreender as práticas, as táticas, os vínculos sociais, os desencantos e os desejos dos jovens exige uma análise contextualizada de ações sociais e o mapeamento (objetivo e subjetivo) de (des)encontros com a cidade. Neste projeto, este mapeamento orienta-se por uma geografia da existência (SOUZA, 1997) e por uma cartografia que valoriza cada gesto, iniciativa e projeto dos sujeitos sociais. Nesta direção, a denominada cartografia da ação possibilita o exame simultâneo de formas de apropriação do espaço urbano e de sentidos da ação, incluindo as suas origens, objetivos, formas de manifestação e simbologia.


Neste sentido, vários foram os resultados, dentre eles podemos destacar: na frente de trabalho junto ao Colégio Carlos Maia, vários mapas foram produzidos pelas crianças – desde as questões temáticas problematizadas a partir das notícias de jornais, até os mapas de leitura dos problemas da cidade identificado pelas crianças. Na frente dos estudantes jovens de 14 a 29 anos, foram realizados cinco grupos focais, onde permitiu a identificação de problemas e de possibilidade junto ao município de São Gonçalo.

## CONCLUSÃO EM CONSTRUÇÃO

A experiência do Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território (LASTRO) do IPPUR/UFRJ no desenvolvimento da metodologia da cartografia da ação tem permitido que esse exame aconteça através de uma rede de conceitos que valorizam os nexos entre tecido social e espaço urbano como indicam, entre outras, as seguintes noções: microconjuntura urbana; superficialização de relações sociais; território praticado; espaço público provisório e tentativo; arena oculta; impulso global; circuito perverso; humanismo concreto; sujeito corporificado; mercado socialmente necessário. (ver RIBEIRO et al., 2005-2006) Estes conceitos têm sido utilizados para a análise crítica de informações veiculadas pela grande imprensa e para a identificação de atores sociais e políticos que, de fato, estão “nas ruas”.

Assim, o LASTRO-IPPUR/UFRJ detém, atualmente, uma experiência que demonstra o seu compromisso com a geografia da existência. Esta experiência permitiu que a problematização de territórios da juventude de São Gonçalo ocorra com a participação contínua dos jovens que integram a equipe de pesquisa e os grupos focais a serem criados com alunos do Colégio Estadual Carlos Maia e da Faculdade de Formação de Professores (FFP) da UERJ-São Gonçalo.

Além desses grupos, foram criados outros grupos focais com jovens estudantes universitários, com os que trabalham no comércio ambulante, com as meninas que participam da ONG “Mulheres do Salgueiro” no município de São Gonçalo e os que tem algum tipo de ligação com a pesca artesanal. A formação desses últimos grupos focais foi facilitada pelo intercâmbio existente entre a Faculdade de Formação de Professores (UERJ-São Gonçalo) e a Federação de Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (convênio assinado em 2006). Este

projeto dialoga com outros projetos desenvolvidos pelo Laboratório de Estudos Metropolitanos (LEME) da FPP-UERJ-São Gonçalo, por graduandos e mestrandos da Faculdade de Formação de Professores. 

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

BOCAYUVA, Pedro Cláudio Cunha. **Juventudes (1968-2008): uma disputa de significados**. Proposta, Rio de Janeiro, v. 32, n. 115, 2008.

CAHIERS DE LA RECHERCHE ARCHITECTURALE ET URBAINE – **L'espace anthropologique**. Paris: Éditions du Patrimoine, n. 20/21, 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.

CERTEAU, Michel de. **La prise de parole et autres écrits politiques**. Paris: Seuil, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras: capturas e devires de jovens pobres**. 2008. Tese de (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem de População**. 2007. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/default.shtm/>.

KOWARICK, Lúcio. **Capitalismo e marginalidade na América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: UNICAMP; Aracaju: Editora da UFS, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Fala galera: juventude, violência e cidadania**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

RIBEIRO, A.C.T. "Movimentos sociais urbanos – algumas reflexões". In: MOREIRA, Ruy (Org.) **Geografia. Teoria e crítica: saber posto em questão**. Petrópolis- Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1982.

RIBEIRO, A.C.T. **Alguns traços da conjuntura política: movimentos sociais e esfera pública**. Revista Proposta experiências em Educação Popular. v. 23, n. 67, dez. , 1995.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método**. Cadernos IPPUR. v. 15, n. 2 e Ano XVI, N.1, 2001-02.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. "Pequena reflexão sobre categorias da teoria crítica do espaço: território usado, território praticado" In Maria Adélia Aparecida de Souza (org) **Território brasileiro: usos e abusos**, São Paulo: Edições Territorial, 2003.

RIBEIRO, Ana Clara Torres (Org.). **El rostro urbano de América Latina**, Buenos Aires: CLACSO, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Relatório Técnico-Científico do Projeto: Cartografia da Ação e Análise de Conjuntura: reivindicações e protestos em contextos metropolitanos - Programa Cientista do Nosso Estado**, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005-2006. (4. v.)

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antonia da. **Faces ativas do urbano: mutações num contexto de imobilismos** In Ana Clara Torres Ribeiro (Org.) **Repensando a experiência urbana da América Latina: questões, conceitos e valores**. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antonia da. **Tendências da metropolização brasileira: ação e**

**território**. Rio Urbano 2, Rio de Janeiro: CIDE, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegômenos a uma concepção pós-moderna do direito**. Espaço & Debates, v. 33, n. 11, 1991.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **O território e o saber local: algumas categorias de análise**. Cadernos IPPUR, v. 13, n. 2, 1999.

SILVA, Catia Antônia da. **Educação socioambiental na escola: algumas experiências do cotidiano à luz da metodologia de ensino da cartografia da ação social**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SILVA, Catia Antônia da, BERNARDES, Júlia Adão, ARRUEZZO, Roberta Carvalho, RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Formas em crise. Utopias necessárias**. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2005.

SILVA, Cátia Antonia da; FREIRE, Desirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (Org.) **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A:FAPERJ, 2006.

SILVA, Cátia Antonia da e CAMPOS, Andreilino (Org.) **Metrópoles em mutação: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva**. Rio de Janeiro: Revan:FAPERJ, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Cidade: lugar e geografia da existência**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 5., 1997, Salvador. Anais, Salvador: SFGHJ, 1997.